Entrevista

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Natural do município de Jacobina, na Bahia, em 1960, graduou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); logo a seguir, 1961-1962, foi Leitora de Português na Universität zu Köln (Alemanha); foi contratada como professora da UFBA, em 1963; em 1975, fez concurso para Professor Assistente; em 1979, tornou-se mestre em Letras e Linguística também pela UFBA e, em 2002, conquistou o título de doutora em Letras Vernáculas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dedicada à área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Suzana atua, principalmente, nos temas: Dialectologia, Geolínguistica, Português do Brasil, Língua Portuguesa e Variação. O seu currículo inclui, ainda, a publicação de 19 livros e 171 exposições orais. É Professora Associada nível I da UFBA; professeur invité na Université Paris 13, UFR LSHS; Pesquisadora CNPq I-B. Atualmente é editora da revista Estudos Linguísticos e Literários. Em 1996, dá início, junto com um grupo de colegas da área, a uma das suas maiores contribuições ao povo brasileiro, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, do qual é diretora-presidente. Em 2009, Suzana Alice recebe o título de Professora Emérita pela UFBA.

Na cerimônia em que recebeu o título de professora emérita, a sra. apresentou princípios e motivações que nortearam as suas opções na vida. Poderia resumí-las?

Acho que sim e de maneira muito objetiva. A base de tudo está numa crença: acredito na vida, acredito no homem, acredito no papel pessoal e intransferível que cada um de nós tem a cumprir na História. E daí decorre toda uma sequência de pensamentos, comportamentos e ações: a fidelidade ao respeito à pessoa humana e à ética; a necessidade de contribuir para a construção de um mundo mais justo e mais fraterno; o entendimento de que a cidadania tem direitos e deveres; o acreditar na importância do desenvolvimento científico para o fortalecimento da nação. E, no meio de tudo, um pensamento muito singelo, aparentemente ingênuo: em tudo, fazer o melhor que posso.

Qual a visão que a sra. tem do papel da Universidade à qual dedicou boa parte de sua vida?

A Universidade é para mim o lugar, por excelência, onde se pensa o presente, onde se aprende com o passado e onde se constrói o futuro.

E para que isso, de fato, se concretize, a Universidade tem que ser um lugar sem fronteiras e sem delimitações na expressão do pensamento; um palco, um praticável, onde se apresentam todos aqueles que constroem um pensamento; um lugar da vivência democrática; um espaço de edificação da ciência; um sítio da socialização do conhecimento através do ensino e da extensão; um lugar onde a pesquisa responde à integração com a sociedade e às necessidades presentes, de forma comprometida com a projeção para o futuro.

Como se deu a sua participação no movimento docente e na APUB?

Sempre acreditei, e continuo acreditando na importância e relevância da integração entre os membros que constituem uma coletividade, uma sociedade. Só a força do trabalho conjunto é capaz de acelerar as conquistas, reduzir as dificuldades e tornar viável o que, muitas vezes, parece impossível.

Este sentimento-pensamento sempre me fez companhia, tem estado ao meu lado em todos os momentos de minha vida. Quando tomei consciência disso, pela vez primeira, não sei dizer, mas sei, apenas, que a ideia de agregação, de reunião de forças, de juntar cabeças e mãos para construir algo é fundamental para mim. Isso me moveu, ainda nos tempos de estudante do curso secundário a participar da JEC-Juventude Estudantil Católica, movimento da igreja católica que unia a vivência cristã à ação política. E aí está o começo de um tipo de ação organizada. Chegando à Universidade, a agregação à JUC-Juventude Universitária Católica e à UEB-União dos Estudantes da Bahia foram os lugares da minha integração.

Saindo da condição de estudante e passando à de docente, a ideia da agregação permanecia viva. Começa-se a pensar numa ação organizada dos professores e, de pronto, me engajei àqueles que assim entendiam. Lutamos pela criação de uma associação de professores que nos representasse, que atuasse na defesa dos nossos interesses, que soubesse refletir sobre a universidade. E com esse espírito criamos, digo criamos porque fiz parte daquele grupo que lutou pela sua fundação, a nossa APUB. Acompanhei o seu nascimento-crescimento, fui secretária na gestão de Umberto Tanure, fiz parte de uma chapa, encabeçando-a, mas não logramos nos eleger, fui membro do conselho de representantes das unidades, no tempo em que o mandato de cada conselheiro era de três anos, e cumpri o meu integralmente.

Acredito na ação de uma associação de docentes voltada para os verdadeiros ideais da categoria, independente no seu pensar, corajosa no seu agir, capaz de assumir posições sem se deixar sufocar pela política partidária. E isso encontro na APUB.

Qual a importância da APUB na história da Universidade?

Acho que a APUB teve e vem tendo papel relevante na história da Universidade, uma vez que surgiu para agregar os docentes, para convocá-los a uma reflexão orgânica sobre a instituição e a estimulá-los a uma ação eficaz na comunidade acadêmica. Os órgãos da administração dirigem a Universidade, sem dúvida, e a uma associação de classe cabe o papel de vigilante sempre em alerta, não só para salvaguardar os direitos e interesses da categoria docente, mas para ajudar a pensar a própria Universidade. Acho que a APUB vem desempenhando este papel, ora com mais energia, ora menos intensamente, todavia dentro dessa linha e sem perder o seu caráter de associação, que me parece fundamental.

A sra. coordena nacionalmente a produção do Atlas Linguístico nacional. Como surgiu este projeto e qual a sua importância para o Brasil?

A ideia de fazer-se um atlas linguístico do Brasil remonta a meados do século XX, ocasião em que o próprio governo brasileiro, em Decreto de março de 1952, determinava que a Casa de Rui Barbosa o fizesse. Dificuldades não permitiram sequer que fosse iniciado.

E o que é um atlas linguístico? Trata-se na verdade de uma descrição da língua, nas suas diferentes variedades de uso comprovadas 'in loco', cujos resultados são mapeados segundo princípios da Geografia Linguística. É uma técnica de descrição das línguas muito difundida no mundo inteiro, desde que se publicou o primeiro atlas linguístico em 1902 (Atlas Linguistique de la France, de Jules Gilliéron). Um atlas linguístico é um instrumento não só a serviço dos estudos da linguagem 'stricto sensu', mas serve à investigações em outros campos do conhecimento, porque os dados que fornece podem aclarar questões da formação demográfica, da história, do próprio povoamento, entre outras.

Não se tendo feito o atlas geral do Brasil, fizeram-se, a partir daquele então, atlas regionais, o primeiro dos quais foi produzido na Universidade Federal da Bahia, o Atlas Prévio dos falares Baianos, de autoria de Nelson Rossi, Dinah Isensee e Carlota Ferreira, publicado em 1963. O pioneirismo da Bahia na área e a existência de uma equipe de pesquisadores em Dialectologia, criada em finais da década de 50 e operante até o presente, fizeram com que na Bahia, na UFBA, se retomasse a idéia de realização de um atlas do Brasil. E assim aconteceu em 1996. Começamos o trabalho. Somos 17 instituições nacionais envolvidas com o Projeto. E estamos, presentemente, com 77% dos dados coletados numa rede de pontos que vai, literalmente, do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250).

"Só a força do trabalho conjunto é capaz de acelerar as conquistas, reduzir as dificuldades e tornar viável o que, muitas vezes, parece impossível"